

Fonte *Folha de São Paulo*

Class.:

108

Data *6 de Julho de 1978*

Pg.:

Antropólogos criticam plano de emancipação

BRASILIA (Sucursal) — “A projetada emancipação dos indígenas significará, simplesmente, a destruição final da relação dos índios com seu território e a incorporação deles como mão-de-obra barata no sistema econômico nacional. É necessário advertir que esta emancipação é uma alternativa falsa e perigosa ao processo de expropriação territorial que eles vêm sofrendo.”

Essa foi a posição fixada pelos antropólogos que participaram do simpósio sobre “A pesquisa etnológica no Brasil”, patrocinado pela Regional Rio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, realizado recentemente no Museu Nacional, sobre o projeto do Ministério do Interior, que visa emancipar as comunidades indígenas do país.

VOZ INDIGENA

Segundo o documento, distribuído após o encerramento do simpósio — que usa sempre o termo emancipação entre aspas — é dever dos antropólogos brasileiros reconhecer a palavra dos próprios índios como a única autorizada para decidir seu próprio destino. Ao mesmo tempo, acrescenta o documento, cabe aos antropólogos “fornecer aos índios as informações que forem por eles solicitadas, para que esse processo de tomada de consciência étnica possa se realizar caberia ainda aos antropólogos, “buscar estratégias de viabilização das soluções propostas pelos índios”.

Os antropólogos desejam reivindicar maiores garantias para o exercício de suas atividades profissionais, e ressaltam querer assegurar aos índios o direito de opinarem sobre o trabalho da categoria.

Durante o encontro, foi lembrada a posição já manifestada em documento anterior, segundo a qual a “ideologia desenvolvimentista” seria o grande inimigo da integridade das minorias étnicas do país. “O projeto desenvolvimentista — raciocinam os antropólogos —, que exprime brutalmente a atitude básica da civilização ocidental, nega a diversidade, não consegue tolerá-la. Na verdade não consegue entendê-la. Mas é essencial sublinhar a necessidade e a viabilidade de se pensar o Brasil como sociedade que tem espaço para a diversidade étnica e cultural”.